PLANO DE DESENVOLVIMENTO

6º ANO – 1º bimestre

1. Introdução

Este Plano de Desenvolvimento busca orientar o/a professor/a quanto ao gerenciamento do conteúdo do volume do 6o ano do Ensino Fundamental, proposto pela Base Nacional Comum Curricular. Essa orientação apresenta as práticas didático-pedagógicas recorrentes em aula, exemplificadas com sua apresentação no livro do estudante, e propõe formas diferenciadas de interação e desenvolvimento das atividades, tendo em vista as habilidades a serem trabalhadas em cada bimestre.

O plano aponta, ainda, os objetos de conhecimento a serem explorados no 6o ano, de modo que os/as estudantes possam desenvolver competências para a vida e para as próximas etapas escolares, agregando conhecimentos e construindo saberes.

Também são apresentadas orientações para a gestão da sala e explanações sobre propostas de acompanhamento da aprendizagem, além de indicações de outras fontes de pesquisas e leituras tanto para o/a professor/a quanto para os/as estudantes.

Ao final deste plano, sugerimos um Projeto Integrador que reúne objetos de conhecimento e habilidades de dois componentes curriculares, no intuito de favorecer o desenvolvimento das competências gerais constantes na BNCC.

2. Temas, objetivos específicos, eixos, objetos de conhecimento e práticas pedagógicas trabalhados no bimestre

|  |  |
| --- | --- |
| 6o ano – 1o bimestre | |
| *Unit 1: English everywhere* | |
| Eixos | Oralidade, leitura, escrita, dimensão intercultural. |
| Temas | - Papel da língua inglesa como idioma de comunicação internacional.  - Identificação da presença da língua inglesa no cotidiano. |
| Objetivos específicos | - Avaliar elementos culturais integrados à nossa cultura.  - Compreender diálogos de um concurso de soletração.  - Compreender e produzir verbete de dicionário bilíngue.  - Compreender o uso do genitivo (’s).  - Identificar a presença da língua inglesa na sociedade brasileira e seu significado.  - Reconhecer semelhanças e diferenças na pronúncia entre palavras da língua inglesa e da língua portuguesa.  - Simular participações orais em um concurso de soletração. |
| Objetos de conhecimento | - Construção de laços afetivos e convívio social.  - Hipóteses sobre a finalidade de um texto.  - Funções e usos da língua inglesa em sala de aula (*Classroom language*).  - Países que têm a língua inglesa como língua materna e/ou oficial.  - Presença da língua inglesa no cotidiano. |

(continua)

(continuação)

|  |  |
| --- | --- |
| Habilidades | - (**EF06LI01**) Interagir em situações de intercâmbio oral, demonstrando iniciativa para utilizar a língua inglesa.  - (**EF06LI07**)Formular hipóteses sobre a finalidade de um texto em língua inglesa, com base em sua estrutura, organização textual e pistas gráficas.  - (**EF06LI08**) Identificar o assunto de um texto, reconhecendo sua organização textual e palavras cognatas.  - (**EF06LI03**) Solicitar esclarecimentos em língua inglesa sobre o que não entendeu e o significado de palavras ou expressões desconhecidas.  - (**EF06LI09**) Localizar informações específicas em texto.  - (**EF06LI24**)Investigar o alcance da língua inglesa no mundo: como língua materna e/ou oficial (primeira ou segunda língua).  - (**EF06LI25**) Identificar a presença da língua inglesa na sociedade brasileira/comunidade (palavras, expressões, suportes e esferas de circulação e consumo) e seu significado.  - (**EF06LI26**) Avaliar, problematizando elementos/produtos culturais de países de língua inglesa absorvidos pela sociedade brasileira/comunidade.  - (**EF06LI10**) Conhecer a organização de um dicionário bilíngue (impresso e/ou *on-line*) para construir repertório lexical.  - (**EF06LI22**) Descrever relações por meio do uso de apóstrofo (’) + s. |
| Práticas pedagógicas | - Análise de diálogo em concurso de soletração.  - Investigação do contexto para reconhecimento de vocabulário.  - Avaliação de elementos culturais integrados à nossa cultura.  - Interpretação dos elementos que compõem um dicionário.  - Discussão sobre a finalidade de um dicionário, com base em sua estrutura, organização textual e pistas gráficas.  - Produção de verbete de dicionário bilíngue.  - Reconhecimento de semelhanças e diferenças na pronúncia entre palavras da língua inglesa e da língua portuguesa.  - Simulação de participações orais em um concurso de soletração.  - Reflexão sobre a incorporação de palavras estrangeiras ao léxico materno. |

|  |  |
| --- | --- |
| *Unit 2: Identities* | |
| Eixos | Oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e gramaticais. |
| Temas | - Identidade e percepção pessoal. |
| Objetivos específicos | - Compreender e produzir legendas de fotos sobre si e sobre outras pessoas.  - Compreender e produzir uma apresentação pessoal.  - Descrever o uso do verbo *to be* e empregá-lo para falar de si e de outras pessoas.  - Compreender o uso dos números de 1 a 101 e utilizá-los em operações matemáticas e em situações cotidianas.  - Identificar a presença de palavras cognatas em textos orais e escritos e compreender como elas auxiliam na compreensão da língua inglesa.  - Refletir sobre os elementos que constituem a identidade de cada pessoa. |
| Objetos de conhecimento | - Produção de textos orais, com mediação do professor.  - Hipóteses sobre a finalidade de um texto.  - Compreensão geral e específica: leitura rápida (*skimming*, *scanning*).  - Planejamento do texto: *brainstorming*.  - Planejamento do texto: organização de ideias.  - Construção de repertório lexical.  - Adjetivos possessivos. |
| Habilidades | - (**EF06LI05**)Aplicar os conhecimentos da língua inglesa para falar de si e de outras pessoas, explicitando informações pessoais e características relacionadas a gostos, preferências e rotinas.  - (**EF06LI07**) Formular hipóteses sobre a finalidade de um texto em língua inglesa, com base em sua estrutura, organização textual e pistas gráficas.  - (**EF06LI08**) Identificar o assunto de um texto, reconhecendo sua organização textual e palavras cognatas.  - (**EF06LI09**) Localizar informações específicas em texto.  - (**EF06LI13**) Listar ideias para a produção de textos, levando em conta o tema e o assunto.  - (**EF06LI14**) Organizar ideias, selecionando-as em função da estrutura e do objetivo do texto.  - (**EF06LI17**) Construir repertório lexical relativo a temas familiares (escola, família, rotina diária, atividades de lazer, esportes, entre outros).  - (**EF06LI23**) Empregar, de forma inteligível, os adjetivos possessivos. |
| Práticas pedagógicas | - Leitura e produção de legendas de fotos.  - Leitura e produção de uma apresentação pessoal.  - Atividades orais e escritas com uso do verbo *to be.*  - Uso dos números de 1 a 101 em operações matemáticas e em situações cotidianas.  - Reconhecimento de palavras cognatas em textos. |

3. Práticas recorrentes

Nesta coleção, os/as estudantes são convidados a práticas variadas que auxiliam no avanço do desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para a aprendizagem da língua-alvo. As atividades orais, de compreensão auditiva, de leitura e interpretação de textos, de escrita e de prática investigativa podem ser realizadas de forma individual, bem como em duplas ou em grupos, visando promover o desenvolvimento ético e cognitivo dos/as estudantes.

A leitura de imagens permite aos/às estudantes que vivenciem um processo perceptivo da linguagem visual, desenvolvendo-a para que sua comunicação seja mais ampla. As atividades desafiadoras dão aos/às estudantes ferramentas para ressignificar as práticas de linguagem escrita ou verbal, e as atividades de desenvolvimento do pensamento crítico estimulam a reflexão e a consciência do ideal e do real, do que é visto e do que é realizado, refratado pela realidade.

A recorrência dessas propostas na coleção permite uma sequência e uma construção gradual do que é necessário para que os/as estudantes se preparem para ler, escrever, compreender e falar a língua estrangeira que estudam, além de usá-la como ferramenta para interpretar e avaliar o mundo que os/as cerca.

Atividades em duplas e em grupos

As atividades em duplas e em grupos possibilitam uma interação estudante-estudante, colaborando para a construção de laços afetivos e convívio social. O trabalho nesse formato garante um relacionamento cooperativo e construtivo entre eles/elas, que podem desenvolver competências como comparar, negociar, confirmar, questionar e colaborar.

Antes das atividades em duplas e em grupos, definir regras para que a turma possa fazer um trabalho de qualidade, de forma respeitosa. É importante que os/as estudantes sigam as orientações de trabalho pré-  
-estabelecidas, que vão garantir o bom andamento de todos os processos. Um exemplo desse tipo de atividade é a que pede aos/às estudantes que simulem um *Spelling Bee* e criem uma competição na aula, trabalhando aspectos da habilidade **EF06LI05**.

Atividades orais

A interação oral é uma das atividades comunicativas de sala de aula que mais se aproxima do contexto real dos/as estudantes, mas é, ao mesmo tempo, a que mais costuma gerar dificuldades. Esse processo é bidirecional, uma vez que os/as estudantes são falantes e ouvintes ao mesmo tempo e devem, basicamente, negociar o sentido e construir o significado da fala para adequá-lo ao contexto em que atuam.

Durante as atividades orais, é importante orientá-los/as a seguir as etapas que antecedem a produção (*pre-speaking*), assim como a observar atentamente os detalhes demandados para a atividade.

Procurar falar em língua inglesa com a turma sempre que possível, ensinando-lhe expressões de uso cotidiano e retomando objetos de conhecimento já trabalhados. Esse tipo de prática, a médio e longo prazo, pode fazer que os/as estudantes se sintam mais confortáveis em situações de oralidade, com o aumento da frequência de exposição à língua falada. Sugere-se ter cuidado para que não se sintam expostos/as ou repreendidos/as caso desejem usar a língua materna em determinadas situações, mas deve-se incentivá-  
-los/as a se expressar no idioma alvo tanto quanto puderem.

Atividades orais são estimuladas constantemente na coleção, tanto para a produção de gêneros como na interação entre os/as colegas de forma espontânea. Neste volume, podemos exemplificar a atividade que pede aos/às estudantes que soletrem palavras, simulando um *Spelling Bee* e trabalhando aspectos da habilidade **EF06LI05**.

Compreensão auditiva

A compreensão auditiva é um “processo complexo no qual o ouvinte deve discriminar os sons, compreender vocabulário e estruturas gramaticais, interpretar *stress* e entonação, reter o que foi coletado de tudo até então e interpretar tudo isso no contexto imediato e sociocultural da fala” (VANDERGRIFT, 1999). Atividades de compreensão auditiva são importantes para que os/as estudantes possam trabalhar estratégias apropriadas e desenvolver uma maior familiaridade com a língua estrangeira estudada.

É importante explicar aos/às estudantes que eles/elas não compreenderão tudo na primeira audição e que rotineiramente as faixas de áudio serão executadas mais vezes. Para tranquilizá-los/as, você pode dar pistas sobre o vocabulário em questão, fazer perguntas mais específicas e pedir que foquem palavras-chave na gravação.

Um exemplo de atividade de compreensão auditiva deste bimestre é a que propõe ao grupo que ouça as informações de uma estudante de intercâmbio, na qual são trabalhados aspectos da habilidade **EF06LI04**.

Análise de textos verbais, visuais e verbo-visuais

A leitura e a interpretação de textos verbais, visuais e verbo-visuais fazem parte do cotidiano de qualquer indivíduo e permitem um raciocínio mais crítico e mais reflexivo do/a leitor/a mediante os gêneros que o/a circundam. Para reagir a uma mensagem é necessário entendê-la e interpretá-la, e ser capaz de fazê-lo garante um pensamento mais analítico e objetivo.

Do mesmo modo, a leitura de imagens permite aos/às estudantes que vivenciem um processo perceptivo da linguagem visual, desenvolvendo-a para que sua comunicação seja mais ampla. Essa conexão com o mundo visual não necessariamente atrelado ao contexto escrito favorece os/as aprendizes na interpretação, na análise, no diálogo com saberes prévios e na construção de sentido para textos multimodais. Segundo Sardelich (2006), “Na medida em que a imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão desses códigos”.

Para a leitura de imagens, é importante que os/as estudantes observem atentamente os detalhes. Perguntas sobre a estética da imagem, que elementos a compõem e as informações que ela fornece podem ser valiosas para explorar os recursos expressados imageticamente. Conhecer a fonte de uma imagem e o responsável pela produção e pela divulgação dela, em alguns casos, pode ser muito valioso para sua compreensão. Podemos exemplificar esses textos com as páginas de abertura de cada unidade, que levam os/as estudantes a contextualizar o que vai ser trabalhado e já começar a fazer relações com o tema que será desenvolvido, trabalhando aspectos da habilidade **EF06LI01**.

Ao longo dos processos de leitura, conscientizar os/as estudantes de que as estratégias de *skimming* (detecção do assunto geral de um texto observando-se alguns elementos-chave) e *scanning* (localização de informações específicas no texto a partir de uma leitura rápida) podem auxiliá-los/as na compreensão. Sugerem-se que as etapas de pré-leitura sejam seguidas para uma melhor contextualização do assunto a ser lido. Podem ser realizadas leituras individuais silenciosas, em voz alta para os/as colegas, alternando os/as leitores/as, ou mesmo de forma uníssona com toda a turma. O importante é que se alternem os modos de leitura ao longo do bimestre. Neste bimestre, podemos exemplificar a atividade que pede aos/às estudantes que leiam entradas de um dicionário, trabalhando aspectos da habilidade **EF06LI07**.

Produção textual

A produção textual é uma das práticas sociais de linguagem e está intimamente atrelada à leitura. Ao produzir um texto, os/as estudantes se expressam para diferentes interlocutores, com diferentes finalidades e em diferentes espaços sociais. Isso os/as leva a exercer uma participação cidadã em esferas formais e informais.

As etapas da produção escrita favorecem o alinhamento das ideias e a reformulação delas para um avanço na produção e na competência dos/as estudantes. Estimular esse processo em atividades como a que pede aos/às estudantes que escrevam/produzam uma entrada de dicionário, trabalhando aspectos da habilidade **EF06LI14**. Auxiliá-los/as em cada etapa e dar *feedback* significativo para que a escrita possa ser bem-  
-sucedida.

Atividades de pesquisa

As atividades de pesquisa estimulam a curiosidade, a criatividade e a busca metodológica pelas informações que levarão os/as estudantes a deduzir/organizar as ideias e realizar descobertas que irão expandir seus conhecimentos. Elas permitem a construção da autonomia na formação crítica e no progresso intelectual do indivíduo.

Diferentes materiais e recursos podem ser usados nas atividades de pesquisa. A biblioteca e o laboratório de informática da escola são ricas fontes de busca de descoberta de informações, desde que haja o devido cuidado com o critério para consulta em fontes confiáveis e a citação de suas fontes, para não incorrer em plágio. Em atividades de pesquisas para casa, orientá-los/as a buscar ajuda dos pais ou responsáveis.

Atividades de pesquisa são uma constante em toda a coleção. Neste volume, podemos exemplificar o boxe *Going further*, que demanda que os/as estudantes investiguem um pouco mais um item específico que tem relação direta com o tema da unidade e que amplia o repertório deles/delas, trabalhando aspectos da habilidade **EF06LI25**.

Atividades de revisão

Atividades de revisão permitem a retomada do conteúdo trabalhado, com associações ao que foi apresentado, em um contínuo de processamento, organização e ampliação de informações. Elas permitem uma avaliação do que ainda precisa ser aprofundado e funcionam como uma avaliação formativa e reflexiva para os/as estudantes.

As atividades de revisão podem ser feitas em casa ou em sala de aula, mas, em qualquer caso, a correção comentada e o cuidado com as dificuldades que ainda existem devem ser levados em consideração e as dúvidas necessitam ser sanadas. A revisão também pode ser considerada uma avaliação formativa no que diz respeito a objetos de natureza gramatical e lexical. Podemos exemplificar esse tipo de atividade tomando como base as revisões que finalizam as unidades de forma a recapitular o conteúdo trabalhado, enfatizando aspectos das habilidades que compõem os eixos de leitura, escrita e conhecimentos linguísticos/gramaticais.

Atividades de desenvolvimento de pensamento crítico

O cultivo do hábito da reflexão e do exercício do pensamento na realização de julgamentos relevantes é um dos maiores objetivos da educação. Isso promove o desenvolvimento do pensamento crítico que, segundo Mayer e Goodchild (1990), é uma tentativa ativa e sistemática de compreender e avaliar argumentos. Segundo esses autores, é importante que os/as estudantes saibam realizar inferências, reconhecer crenças e suposições, deduzir, interpretar fatos e ações, e avaliar argumentos.

Sugere-se criar oportunidades para que os/as aprendizes possam avaliar dados que eles/elas encontram no livro, reconhecer suposições implícitas em uma dada afirmativa, relacionar as implicações entre as teorias, pesar evidências sobre os fatos e distinguir os argumentos fortes dos fracos. Tudo isso pode ser estimulado por meio de perguntas feitas durante as aulas e de discussões realizadas entre eles/elas, se possível baseadas em exemplos da sua realidade, de modo a contribuir para a sua formação como cidadãos/cidadãs.

Atividades como as do boxe *Agents of change* estimulam o pensamento crítico e levam os/as estudantes a refletir sobre diferenças e igualdades e os/as incitam a pensar sobre questões sociais e cidadãs do seu entorno e em como reagem diante delas.

A recorrência dessas propostas na coleção permite uma sequência e uma construção gradual do que é necessário para que os/as estudantes se preparem para ler, escrever, compreender e falar a língua estrangeira que estudam, além de usá-la como ferramenta para interpretar e avaliar o mundo que os/as cerca.

4. Gestão da sala de aula

“Partindo do pressuposto de que o ato de ensinar deva ser compreendido de forma contextualizada, no tempo e no espaço, entende-se que o espaço privilegiado para isso é a sala de aula e que o tempo disponível é o da própria aula” (SILVA et. al., 2015). Esse espaço e esse tempo, no entanto, demandam uma gestão própria, que auxilie os/as estudantes em seu desenvolvimento e permita ao/à professor/a que estabeleça uma rotina, trabalhe práticas ricas e estimulantes, e cumpra a proposta curricular demandada para o ano letivo. A proposta, aqui, é sugerir ideias que possam ser aproveitadas pelo/a docente para que essa gestão seja mais prazerosa e proveitosa.

Segundo Erling (2005), o inglês “não está mais ligado a um lugar, a uma cultura ou a um povo” (p. 42), uma vez que a cada dia está mais presente em contextos variados e é usada por pessoas de diferentes nacionalidades. A autora sugere que a transição demográfica é a principal causa para que o discurso sobre a língua inglesa seja percebido de forma diferente: de língua estrangeira à língua franca.

Língua franca, segundo a Unesco (1953, p. 46), é “[a] língua que é usada habitualmente por pessoas cujas línguas maternas são diferentes, de modo a facilitar a comunicação entre eles” (ROSA, 2016). A autora afirma que, embora outras definições possam existir, esta é a que possui um significado mais abrangente.

El Kadri (2010) explica que essa **visão da língua inglesa como língua franca** e não como estrangeira muda sua visão na educação, uma vez que a ideia do/a falante nativo/a se desconstrói e o ensino das variantes linguísticas e da cultura passa a ser descentralizado. O/A nativo/a imperfeito/a não existe mais e a perspectiva da língua inglesa como língua franca supera os limites da territorialização geográfica ou linguística.

Essa visão implica, diretamente, o **papel do/a educador/a**, que orienta seus/suas estudantes na aprendizagem da língua sem se ater, especificamente, a questões antes imperiosas como a pronúncia perfeita e a adequação rígida da língua a um padrão de fala. Apontar as variantes, conhecê-las e poder analisar criticamente o que cada uma implica é uma forma reflexiva de aprendizagem de uma língua adicional. Isso permite o trabalho constante das habilidades que compõem o eixo dimensão intercultural, relacionadas à língua inglesa no mundo e a como seus elementos e produtos são absorvidos pela sociedade brasileira. Além disso, esse/a educador/a orquestra as interações em sala de aula, atua como mentor/a dos/as estudantes e evolui por meio da educação continuada para ter subsídios teóricos adequados que o/a ajudam a tomar decisões práticas acertadas.

O **papel dos/as estudantes**, por sua vez, é envolver-se no processo de ensino e aprendizagem, buscando informações e conhecimentos de forma autônoma e comprometida com o seu processo cognitivo e o do grupo.

A **gestão do tempo** nesse contexto é imprescindível. A sala de aula se organiza em atividades de exposição e de trabalhos em grupos, de forma que é importante que o/a professor/a conheça o ritmo de cada estudante para que possa decidir melhor as organizações no período da aula. Para o trabalho expositivo, que também conta com a interação dos/s estudantes, é importante que acionar o esquema mental desses aprendizes e trazer essas informações para sua apresentação de um conteúdo, otimizando o momento da aula para trocas construtivas.

Trabalhos individuais e em grupos demandam estabelecimentos de regras e de acordos que garantam o bom andamento de cada tarefa e que permitam o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao trabalho cooperativo, como as que abordam aspectos como interação discursiva e compreensão e produção oral. Por meio do trabalho em grupo, o/a estudante pode “identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho”, que corresponde a uma competência específica proposta pela BNCC. O trabalho em grupo possibilita essa visão do sujeito como alguém que compartilha o espaço com outro e constrói, com esse outro, reflexões e críticas sobre o mundo que os cerca.

Para o trabalho individual dos/as estudantes, tenha sempre algo extra planejado, uma vez que eles/elas têm ritmos diferentes e alguns/algumas podem precisar de atividades complementares para não incorrer em tempo ocioso em sala. No Manual do Professor da coleção, na seção “Acompanhando a aprendizagem”, há sugestões de atividades complementares que podem ser utilizadas nesses contextos, visando atender às demandas de turmas heterogêneas.

Uma atividade em grupo deve ser orquestrada de forma que haja respeito mútuo pelas posições diferenciadas de cada um e, ao decidir os grupos, você pode adotar diferentes formas de agrupamento. Uma sugestão inicial é que os/as estudantes escolham suas formações, mas, como é necessário que o intercâmbio de ideias ocorra frequentemente, é interessante fazer brincadeiras que conduzam ao agrupamento, como preparar pequenos papéis com números. Todos/as os/as estudantes que tiverem o número 1 farão um grupo, e assim por diante. Segundo Lotan (2017), recomenda-se que, uma vez formados os grupos, as funções dos membros dentro dele sejam distribuídas aleatoriamente. Também é importante que, em paralelo, seja feito um controle de que funções cada estudante já exerceu nos grupos dos quais participou, promovendo, a cada novo grupo, uma mudança de funções.

Sempre que tarefas individuais ou em grupos forem estipuladas, combine com os/as estudantes o tempo para desenvolvê-las e, ao final, é imperioso fazer as correções e os comentários. Caso o tempo não tenha sido suficiente, acordar com eles/elas uma forma de finalização desse trabalho para que a correção possa acontecer.

Não deixar de fazer um registro criterioso das atividades a serem realizadas e das que foram cumpridas. A percepção de continuidade e de coerência faz que os/as estudantes compreendam a seriedade e a preocupação com o trabalho e os/as estimula para as aulas.

A **organização do espaço da sala de aula** retrata a prática pedagógica. O espaço tradicional de sala de aula ainda costuma apresentar as carteiras enfileiradas, com os/as estudantes de frente para o/a professor/a, de forma que vão receber o que ele/ela tem para oferecer. Sugere-se criar formas mais abertas de trabalho, organizando as carteiras em duplas, em pequenos grupos ou em um semicírculo, favorecendo a distribuição do saber em rede e não concentrada exclusivamente no/a docente. Lançando mão de diversos formatos de organização da sala, estrategicamente, você pode enriquecer as experiências dos/as estudantes.

É importante ressaltar que a sala de aula não é o único espaço onde as aulas podem acontecer. A **utilização de outros espaços da escola** (sala de informática, biblioteca, quadra etc.) aponta para uma ampliação de práticas contextualizadas que podem atingir, igualmente, a rua e os parques da cidade, quando possível. Na maioria desses espaços, é possível dar destaque à **utilização de recursos digitais**, seja por computador ou por celulares, que contribuem para que o aprendiz busque informações de forma autônoma, exercite a criação de produtos, amplie seu léxico de forma individualizada, observe outras formas de ensino e aprendizagem (por meio de videoaulas), comunique-se de forma síncrona (por mensagens de texto, *chats*) e de forma assíncrona (por *e-mail*) e expanda seus horizontes culturais e escolares por meio de leituras diversas em *blogs*, jornais *on-line*, dentre inúmeras possibilidades. Essas tarefas condizem com as habilidades relacionadas ao eixo leitura, uma vez que permitem aos/às estudantes que construam uma autonomia leitora por meio de práticas diferenciadas e tenham atitudes e disposições favoráveis como leitores/leitoras. Elas permitem, também, que eles/elas adquiram subsídios para “utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual, corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo”, uma competência da BNCC esperada.

Finalmente, deve-se estar atento ao cuidadoso **preparo de materiais** para que os/as estudantes sejam expostos/as a fontes confiáveis e a recursos de qualidade. É importante antecipar as demandas, prever as necessidades e se organizar para ter o que precisa à mão, previamente preparado.

5. Acompanhamento da aprendizagem

Acompanhar a aprendizagem dos/as estudantes deve ser um trabalho contínuo, com critérios prévia e claramente estabelecidos. Esses momentos permitem ao/à professor/a que se aproxime cada vez mais de seus/suas estudantes, com o intuito de verificar o que aprenderam e de que forma essa aprendizagem aconteceu. O diálogo durante a correção das atividades é uma estratégia efetiva porque, por meio dele, o/a professor/a poderá compreender melhor que caminhos o/a estudante aprendiz percorreu para chegar a determinada resposta e que estratégias ele/ela utilizou para resolver os problemas propostos.

Vale lembrar que estudantes com ritmos diferentes, da mesma forma que na realização das atividades, alcançarão resultados diferentes e devem ser avaliados/as na perspectiva do acesso ao conhecimento e do esforço individual. É importante realçar o que foi aprendido e não o que não foi assimilado.

Algumas ações, quando colocadas em prática, podem auxiliar o processo avaliativo, colaborando na revisão de estratégias que podem ser adequadas para todos. Apresentamos sugestões e orientações que podem ajudar nesse processo.

Para uma **avaliação diagnóstica**, que verifica o que os/as estudantes já conhecem e como ele/ela consegue conectar esses conceitos e ideias para construir algo novo, há instrumentos tradicionais, como um teste escrito. Essa sondagem, de acordo com seus objetivos, pode ser com questões do tipo aberto ou fechado. Caso o/a professor/a tenha a expectativa de avaliar o grau de conhecimento gramatical dos/as estudantes, o teste pode ser fechado, de múltipla escolha, padronizado. Caso o objetivo seja uma avaliação da competência linguística da turma, analisando como usam o vocabulário, as estruturas gramaticais e como mobilizam a língua-alvo, a produção de texto traz possibilidades diversas de avaliação. Essa produção pode ter o enfoque oral, da mesma forma, e nesse diálogo com uso da língua inglesa já é possível determinar o quanto os/as aprendizes já trazem desse conhecimento lexical e gramatical. A competência estratégica, que se manifesta nas explicações que os/as estudantes apresentam para expressar o que não dominam (como usar uma definição para explicar uma palavra que não sabe), também pode ser avaliada nesse momento. Ela pode ser trabalhada com a turma e desenvolvê-la significa avançar com sucesso na comunicação.

Para uma **avaliação formativa**, que aponta os resultados a partir do trabalho que se desenvolve na sala de aula sem necessariamente implicar verificação quantitativa, você pode lançar mão dos variados exercícios realizados na sala de aula, tanto os que a coleção propõe quanto os que são criados em caráter extraordinário. Atividades de pesquisa encaminhadas como tarefa de casa, trabalhos feitos em duplas ou em grupos e as produções individuais, analisadas pelo/a docente, podem dar indícios dos resultados somativos que o grupo vai alcançar. Essa verificação formativa permite um acompanhamento da aprendizagem e o estabelecimento de ações de interferência pedagógica para que os/as estudantes possam superar as dificuldades existentes naquele ponto. Uma ficha de registros de atuação de cada aprendiz pode auxiliar nas observações sobre as atitudes e sobre o rendimento escolar individual, levando em consideração os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, que caracterizam a **observação em sala de aula**.

Uma **avaliação somativa** tem a finalidade de atribuir notas ou conceitos aos/às estudantes, uma demanda do universo escolar, para que eles/elas possam ser promovidos/as para a etapa seguinte. Se o/a professor/a adota a forma processual de pensar a avaliação, essa etapa somativa vai ser complementada pela etapa formativa, uma vez que os empenhos e resultados já apontados pelo/pela estudante podem dar muitos indícios sobre sua evolução e sobre seu conhecimento a respeito do conteúdo trabalhado. Mais uma vez, os testes tradicionais não são reconhecidos como a única opção. O desenvolvimento de um projeto de ensino que apresente um produto pode oferecer insumos para uma avaliação somativa de qualidade. Considerando que um projeto é desenvolvido de forma coletiva, pode ser considerada nesta avaliação a forma como os/as estudantes agiram individualmente e em relação ao grupo durante o processo de aprendizagem, e não só o que eles/elas aprenderam. Atividades variadas realizadas oralmente também permitem ao/à professor/a que investigue o avanço na competência linguística do/a aprendiz, analisando pontos distintos como a pronúncia, a entonação e a fluência, bem como a competência estratégica. Sugere-se, inclusive, que seja feito um registro das atividades orais desenvolvidas em sala e do desempenho da turma nelas, de modo utilizá-la na composição da avaliação somativa desse eixo. Essa e as demais avaliações devem contribuir para que o/a professor/a, com base em seu planejamento, mensure quais conhecimentos precisam ser retomados e/ou ampliados a fim que seja possível avançar sem prejuízo de aprendizagem.

A **autoavaliação** é uma etapa crucial na sequência avaliativa, pois permite aos/às estudantes que reflitam sobre seu processo e se conscientizem do que foi feito, do que poderia ser realizado de outra forma e do que pode mudar em etapas posteriores. Ela é uma forma de desenvolver o conceito de autonomia nos/as estudantes, permitindo que eles/elas estabeleçam metas e tomem decisões com base em suas necessidades. Auxiliar os/as estudantes nessa caminhada de construção da autonomia, para que eles/elas saibam definir atitudes coerentes e ajustadas ao processo de aprendizagem. A autoavaliação deve ser proporcionada pelo/a professor/a por meio de perguntas gerais sobre a aula, sobre o desempenho dos/as estudantes e sobre as posturas deles/delas durante as atividades realizadas, além das propostas na obra. Ela está presente, também, nas sequências didáticas que compõem esse material, proporcionando aos/às aprendizes uma verificação crítica da forma como eles/elas se envolveram e desempenharam as tarefas propostas.

Esse conjunto de ações permite uma avaliação de um grupo heterogêneo, uma vez que uma **instrução diferenciada** garante o acesso de todos às etapas mais complexas da aprendizagem. Em grupos que apresentem casos de inclusão, estudantes com demandas diversas podem se beneficiar dos diferentes processos avaliativos que o/a professor/a desenvolve. O importante é ter em mente que a evolução do/a aprendiz deve ser considerada tanto quanto os resultados esperados por ele/ela no tocante ao desenvolvimento de competências e habilidades. Avaliar um/uma estudante com demandas específicas é desafiador, mas, ao mesmo tempo, possibilita uma compreensão de avanço muito específica no que diz respeito às limitações de cada um/uma. O importante é garantir que, em qualquer situação, a avaliação não seja usada como forma de mensuração apenas, ou até mesmo de punição. O objetivo central dela é garantir a transformação da educação, é uma intervenção para a plena qualificação do indivíduo.

6. Habilidades essenciais para a continuidade dos estudos

Requisitos básicos (habilidades) para os/as estudantes avançarem nos estudos.

1o bimestre

- (**EF06LI01**) Interagir em situações de intercâmbio oral, demonstrando iniciativa para utilizar a língua inglesa.

- (**EF06LI02**) Coletar informações do grupo, perguntando e respondendo sobre a família, amigos, escola e comunidade.

- (**EF06LI03**) Solicitar esclarecimentos em língua inglesa sobre o que não entendeu e o significado de palavras ou expressões desconhecidas.

**-** (**EF06LI07**) Formular hipóteses sobre a finalidade de um texto em língua inglesa, com base em sua estrutura, organização textual e pistas gráficas.

7. Sugestões bibliográficas para o/a professor/a

Livros

CRYSTAL, D. *English as a global language.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MICCOLLI, L. *Ensino e aprendizagem de inglês*: experiências, desafios e possibilidades. Campinas: Pontes Editores, 2010.

OLIVEIRA, L. A. *Aula de inglês: do planejamento à avaliação.* São Paulo: Parábola, 2015.

SILVA, K. A. da (Org.). *Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade*: linhas e entrelinhas. Campinas: Pontes Editores, 2010.

UR, P. *A Course in language teaching*: practice and theory. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

*Sites*

<<http://www.reverso.net/text_translation.aspx?lang=PT>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

<<https://www.teachingenglish.org.uk/magazine>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

<<http://teachmag.com/>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

Filmes

*Espanglês.* Direção de James L. Brooks. Estados Unidos, 2004. (131 min.)

*Is the man who is tall happy: an animated conversation with Noam Chomsky.* Direção de Michel Gondry. França, 2013. (88 min.)

8. Sugestões bibliográficas para os/as estudantes

Livros

*Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês* – português-inglês/inglês-português. Oxford University Press – ELT, 2009.

KERNERMAN, L. *Password*: English dictionary for speakers of Portuguese. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARQUES, A. *Dicionário de inglês-português/português-inglês*. São Paulo: Ática, 2005.

Filme

*O sonho de Wadjda*. Direção de Haifaa al-Mansour. Arábia Saudita, 2012. (98 min.)

9. Bibliografia

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

EL KADRI, M. R. *Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores*. 2010. 179f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ERLING, E. J. *The many names of English*: a discussion of the variety of labels given to the language in its worldwide role. English Today, v. 21, n. 1, p. 40-44, jan. 2005. Disponível em

<<http://libeprints.open.ac.uk/10062/1/download.pdf>>. Acesso em 13 de agosto de 2018.

EVERTSON, C. M. et al. *Classroom management for elementary teachers*. Needham Heights: Allyn & Bacon, 1994.

LOTAN, R. O desafio de organizar e mediar o trabalho em grupo (entrevista). Revista *Nova Escola*, abril/2017.

MAYER, R. & GOODCHILD, F. *The critical thinker.* New York: Wm. C. Brown, 1990.

ROSA, P. A. O inglês como língua franca na visão dos professores em exercício da educação básica. Fólio *Revista de Letras*, v. 8, n. 1, p. 383-412. Vitória da Conquista: UESC, 2016.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>>. Acesso em 28 de julho de 2018.

SILVA, F. L. da; MUZARDO, F. T.; JARDIM, T. M. S. Gestão da sala de aula na educação básica: estratégias docentes para viabilizar o ensino. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 16, n. 2, p. 152-155, 2015.

VANDERGRIFT, L. *Facilitating second language listening comprehension*: acquiring successful strategies. 1999. Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/6868/216ea0a8efe013a788282d8671a4ccdbec5e.pdf>>.  
Acesso em 16 de agosto de 2018.

PROJETO INTEGRADOR

6º ANO – 1º bimestre

Título

*The world around me.*

Justificativa

A observação do espaço pelo indivíduo por meio de imagens é um exercício de percepção do entorno da comunidade escolar e um estímulo a um olhar mais atento por parte dos/as estudantes. Ao observar o espaço que ocupa, o indivíduo fortalece laços com o seu exterior e constrói seu ser e seu saber conjuntamente. Conhecer o mundo ao redor é ter a noção de que cada um ocupa um lugar importante no mundo e que as partilhas e os intercâmbios são essenciais para que possamos construir um mundo justo.

**Disciplinas integradoras:** Língua Inglesa e Arte.

|  |  |
| --- | --- |
| Destaques da BNCC | |
| Tema contemporâneo | Eu e o mundo ao meu redor. |
| Competências gerais | 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.  5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.  9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.  10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. |
| Competências específicas | Língua Inglesa  1. Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho.  5. Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.  Arte  4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.  5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística. |

(continua)

(continuação)

|  |  |
| --- | --- |
| Objetos de conhecimento e Habilidades | |
| Presença da língua inglesa no cotidiano  Materialidades | (**EF06LI25**) Identificar a presença da língua inglesa na sociedade brasileira/comunidade (palavras, expressões, suportes e esferas de circulação e consumo) e seu significado.  (**EF69AR05**) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, *performance* etc.). |

Objetivos

* Discutir o mundo físico e social do qual o/a estudante faz parte, relacionando esse mundo com seus interesses.
* Reconhecer espaços físicos da comunidade cujos nomes são em língua inglesa.
* Utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva e ética para acessar e disseminar informações, se possível.
* Reconhecer imagens como forma de expressão artística.
* Organizar uma exposição para apreciação escolar e da comunidade externa.

Programação

Duração do projeto: 7 aulas de aproximadamente 50 minutos

1a fase: 3 aulas

2a fase: 2 aulas

3a fase: 1 aula

Avaliação das aprendizagens: 1 aula

Materiais a serem utilizados

* Quadro e giz ou marcador para quadro branco.
* Dicionários bilíngues inglês-português (impressos ou *on-line*).
* Folhas de caderno ou sulfite.
* Papel-cartão ou *kraft*.
* Revistas e jornais.
* Computador com acesso à internet, se possível.
* Máquinas fotográficas ou celulares com câmeras, se possível.

Produto final

Exposição de imagens que compõem o entorno dos/as estudantes.

Fase de preparação do projeto

Pedir aos/às estudantes que separem 5 folhas de caderno ou sulfite e realizem as seguintes atividades:

* página 1 – *My house and my family*: desenhar sua casa e as pessoas que nela vivem;
* página 2 – *My neighborhood*: desenhar o espaço/bairro/área onde sua casa está localizada;
* página 3 – *My hobbies*: desenhar seus hobbies e interesses, com imagens relacionadas às suas atividades favoritas;
* página 4 – *My school*: desenhar a escola e os espaços que a compõem;
* página 5 – *Around my school*: desenhar o entorno da sua escola.

Ao final de cada atividade, pedir que destaquem seus espaços favoritos.

Fases de execução do projeto

1a fase: aproximadamente 3 aulas

Contextualização e pesquisa na internet

* Iniciar o projeto conversando com os/as estudantes sobre seu objetivo: retratar a comunidade escolar e residencial. Essa proposta busca levá-los/as a refletir sobre os espaços que compõem sua individualidade e identidade. Apresentar os objetivos do projeto quanto à disciplina de Arte e de Língua Inglesa e explicar que o produto final será um registro por meio de fotografias ou desenhos e uma exposição do que mais chama a atenção deles nesses espaços e de estabelecimentos que têm seus nomes em língua inglesa.

Em aproximadamente 15 minutos, mostrar aos/às estudantes várias imagens, de diferentes fontes, que retratem casas e espaços de ruas e bairros, retiradas de revistas, jornais ou de *sites* da internet. Apresentar primeiro as imagens de má qualidade artística (falta de foco, pouca luz, sem enquadramento etc.) e, posteriormente, as consideradas adequadas (alguns exemplos são as dos fotógrafos Alexandre Schneider, André Paiva, Walter Firmo e Luis Saraceni, que retratam o cotidiano e as cidades). Incentivar os comentários sobre as fotos, seu enquadramento, a colocação do observador e o que poderia ser mudado nelas para que ficassem melhores. Discutir as seguintes questões com todo o grupo:

- O que você vê nesta foto?

- Qual o objetivo do fotógrafo ao fazer esse trabalho?

- Que pessoas você imagina vivendo/usando esse espaço?

- Você acha que esse espaço tem importância especial para alguém? Por que razão?

* Escrever as seguintes perguntas no quadro para os/as estudantes discutirem em duplas. Eles/Elas deverão tomar notas para socializar com a turma posteriormente.

- Como é a casa onde você vive? Quantas pessoas moram nela?

- Essa casa sofreu alterações? Se sim, como ela era antes e como está agora?

- Em que bairro essa casa está localizada? É perto ou longe da escola?

- Que espaços próximos à sua casa são os seus preferidos?

- Quais são os seus *hobbies* e atividades favoritas? Eles podem ser realizados nesses espaços?

- Como é a sua escola (espaço físico)?

- Essa escola sofreu alterações? Se sim, como ela era antes e como está agora?

- Se sua escola não está no mesmo bairro em que você mora, como é o entorno dela?

- Qual/is é/são seu/s espaço/s favorito/s dentro da escola? Por quê?

* Em aproximadamente 20 minutos, socializar as respostas dos/as estudantes, observando a forma como eles/elas reportam à turma sobre sua casa e sua escola. Observar o que mais os/as motiva quando eles/elas descrevem os espaços solicitados e enfatizar as perguntas que buscam a informação sobre mudanças nos espaços.
* Pedir aos/às estudantes que peguem as folhas que haviam separado e façam nelas uma representação imagética sobre o que acabaram de refletir, destacando, em cada uma, os lugares de que mais gostam. Explicar que ela os/as guiará em relação às fotografias ou desenhos que farão dos lugares que os representam e servirá como um roteiro do que eles/elas registrarão. Realizar essa atividade em aproximadamente 20 minutos.

Orientar que troquem seus trabalhos com os de dois/duas colegas, no mínimo, e que observem o que foi feito, pedindo esclarecimentos a eles/elas sobre o que porventura não tenha ficado claro. Devem conseguir visualizar, no trabalho do outro, o que é mais representativo para ele/ela em cada espaço representado e quais estabelecimentos com nomes em língua inglesa encontraram. Dedicar aproximadamente 20 minutos para essa atividade.

* Explicar aos/às estudantes que terão duas semanas para registrar os espaços relacionados à casa e ao bairro que querem compartilhar em uma exposição. Eles/Elas deverão explicar, em um registro escrito, o porquê da escolha de cada espaço. Cada estudante deverá fazer, também por escrito, uma reflexão sobre como aquele lugar o/a transforma e como é transformado/a por ele. Esse registro deverá ser feito na língua materna, uma vez que ainda estão em fase inicial de aprendizagem da língua inglesa. Na data definida por você, eles/elas deverão trazer as imagens para mostrar à turma. As possibilidades para divulgação são:

- cada estudante imprime a foto tirada ou a impressão é feita na escola, por meio do/a professor/a, ou as fotos são descarregadas em um computador na sala de aula e exibidas via projetor;

- os/as estudantes usam a própria máquina digital ou o celular para mostrar as fotos em pequenos grupos e eles/elas fazem um rodízio entre os grupos;

- caso não tenham acesso a recursos digitais ou de impressão, podem representar os espaços por meio de desenhos ou instalações, como maquetes ou quaisquer outras formas artísticas. Incentivá-los/as a buscar referências e materiais que possam enriquecer essa produção.

Em casa

* Pedir aos/às estudantes que registrem espaços da casa e do bairro onde vivem, bem como da escola onde estudam, com base no que foi discutido nas primeiras aulas e que busquem estabelecimentos cujos nomes sejam em língua inglesa. Orientá-los/as para que façam o registro evitando destacar pessoas e focando apenas em espaços. Lembrá-los/as de voltar aos desenhos feitos no início do projeto, seja para aperfeiçoá-  
  -los, seja para guiá-los/as nesta etapa, dado que representam os lugares favoritos dos/as aprendizes.

2a fase: aproximadamente 2 aulas

Socialização dos registros

* A partir da forma escolhida de socialização dos registros, conduzir por aproximadamente 40 minutos a apresentação das fotos, desenhos ou outras representações e pedir aos/às estudantes que falem sobre elas, explicando por que as consideram importantes a ponto de as terem destacado. Listar os nomes de estabelecimentos em língua inglesa que tenham encontrado, discutindo seus significados e a possível motivação para a escolha deles.
* Em aproximadamente 30 minutos, pedir que, em grupos de 4 ou 5 estudantes, decidam quais imagens podem compor uma exposição e que, ao final, discutam as escolhas com toda a turma. É importante que seja selecionado ao menos uma fotografia ou desenho de cada estudante.

Os critérios para essa escolha devem ser definidos anteriormente com o grupo. Alguns aspectos a serem analisados nas fotos podem ser: qualidade; nitidez, ausência de pessoas, efeitos/filtros aplicados, entre outros. Nos desenhos, pode-se avaliar o estilo, o uso de cores, a relação entre luz e sombra etc. Em maquetes, é válido analisar o uso de materiais, a representação das proporções, a ambientação do local representado etc.

* Cada imagem escolhida deverá ser legendada em língua inglesa. Podem consultar dicionários bilíngues e reunir-se em duplas para realizar essa atividade, que deve durar aproximadamente 30 minutos. Você também pode orientá-los/as e ajudá-los/as.
* Preparar os painéis da exposição com as fotos e/ou os desenhos, colando-as/os em papel-cartão ou *kraft* e preparando maneiras de fixá-las/os (com fita adesiva, pequenos pregos e barbante etc.). Se possível, colar cada imagem em um papel preto que as exceda em 1 ou 2 cm, fazendo, desse modo, uma moldura que contribua para valorizá-las.
* Escrever, com o grupo, um texto de apresentação da exposição, visando contextualizá-la ao público.

3a fase: 1 aula

A organização da exposição

* Em aproximadamente 10 minutos, discutir com os/as estudantes sobre o melhor local para a exposição. Ela pode ser feita na escola ou em algum outro local disponível na comunidade que seja frequentado pelos seus familiares e pelos demais membros da comunidade. Fazer um convite para que as pessoas visitem a exposição.
* Em aproximadamente 40 minutos, trabalhar com o grupo na preparação do material para a exposição no seu local definido (se não for a escola, planejar com antecedência o deslocamento). Organizar o espaço da exposição, decidindo se os painéis serão expostos de maneira aleatória ou se serão agrupados com base nos espaços representados neles (casa, bairro e escola).
* Orientá-los/as a, sempre que possível, circular pela exposição para observar a reação do público e, se julgarem conveniente, comentar os trabalhos.

Avaliação das aprendizagens: 1 aula

* Ao longo de todo o processo, verificar se os/as estudantes contribuíram para a atividade e se participaram ativamente. Avaliar o comportamento deles/delas durante todo o trabalho, o comprometimento e se contribuíram nas discussões em grupo de forma colaborativa e respeitosa.
* Propor que avaliem o trabalho dos/as colegas, compondo, entre todos/as, uma avaliação do grupo. Para isso, oferecer critérios como participação, colaboração, organização, cumprimento de prazos, entre outros. Discutir os acertos e erros e propor que, juntos, pensem em maneiras de melhor realizar esse tipo de trabalho em outra oportunidade.
* Conduzir a autoavaliação por meio das seguintes perguntas a serem respondidas com “sim”, “em progresso” e “não”:

Estou mais consciente do fato de estarmos rodeados por palavras da língua inglesa na minha comunidade?

Sou capaz de discutir o entorno físico e social do qual faço parte, relacionando-o com os meus interesses?

Utilizei tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva e ética para acessar e disseminar informações? (Desconsiderar essa questão caso a turma tenha optado por desenhos).

Aprendi a usar imagens como forma de expressão artística?

Colaborei na organização de uma exposição para apreciação escolar e da comunidade externa?

Referências bibliográficas

DILG, B. *Fotografia*. São Paulo: Publifolhinha, 2017.

GRIFFITHS, A; HONOVICH, N. *National Geographic Kids Guide to Photography: Tips & Tricks on How to Be a Great Photographer From the Pros & Your Pals at My Shot.* Washington:National Geographic Children's Books, 2015.